

A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ALFABETIZAÇÃO PAULO FREIRE (GAPAF) NA PERIFERIA DE FRANCA

TANAKA, Sheila – UNESP Campus Franca – sheilinha_t@hotmail.com

Resumo: Relato da experiência dos estudantes do Grupo de Alfabetização Paulo Freire, grupo de extensão da Universidade Estadual Paulista – Unesp, com uma turma de alfabetização de adultos de diferentes idades, níveis sócio-econômicos e níveis de leitura e escrita. Tal trabalho é desenvolvido no bairro Recanto Elimar, na periferia da cidade de Franca, SP, e partiu de uma demanda local. O grupo, composto por estudantes dos quatro cursos da Universidade – História, Direito, Serviço Social e Relações Internacionais, baseia-se na filosofia freireana para a realização do trabalho, exercido há seis anos. Visando transpor o viés academicista a que estão submetidos, enxergam no diálogo a forma mais coerente de se realizar a educação como prática política de formação de sujeitos históricos.

Palavras-chave: alfabetização de adultos, leitura de mundo, diálogo, transformação.

Em 1998, alguns estudantes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus Franca, perceberam a necessidade existente na Cadeia Municipal de um trabalho que, aliado à alfabetização, fomentasse entre os detentos discussões sobre educação sexual e outras questões latentes no local. Surge assim o Grupo de Alfabetização Paulo Freire – GAPAF, composto por estudantes de todos os cursos do campus (História, Direito e Serviço Social). Desde então, o grupo vem atuando no município de Franca com diversas atividades sempre pautadas na concepção freireana de educação, enxergada pelo grupo como uma filosofia das relações humanas a ser seguida em todos os espaços sociais.

O grupo realiza frequentemente ciclos de estudo nos quais há a discussão, posterior à leitura que todos os membros realizam, de diversas obras de Paulo Freire, além de outras vertentes educacionais e concepções políticas e pedagógicas, para pautar seus projetos em bases teóricas concretas, aliando permanentemente a teoria à prática.

Desde 1998, quando surgiu, o grupo vem lapidando suas concepções, aumentando o número de membros (influenciado também pela chegada do curso de Relações Internacionais ao campus) e sua visibilidade tanto na Universidade como no Município. Em 2002, o Centro Comunitário do bairro Recanto Elimar apresentou uma demanda por alfabetização de adultos ao grupo. O bairro abrange as sub-regiões Recanto Elimar I, II e III e, como diversos bairros de Franca, é composto por moradores

de diferentes níveis sócio-econômicos. A região como um todo, porém, é precária em sua estrutura, não apresentando entidades ou instituições de assistência, sendo considerada da periferia da cidade. Os primeiros contatos do grupo no bairro se deram de forma lenta, uma vez que os estudantes prezam por, primeiramente, identificar a realidade local antes do contato direto em sala de aula com os educandos, seja por reconhecimento geográfico e diálogo com os moradores, como por estudos teóricos acerca do conteúdo que possivelmente seria abordado.

Após um período de estudo e reconhecimento, portanto, foram iniciadas as atividades. Vale ressaltar que esse período foi de fundamental importância, pois o campus de Franca da Universidade se localiza no centro da cidade, região onde também reside a maior parte dos estudantes, que geralmente vêm de suas cidades somente para graduar-se. Ou seja, a realidade da Unesp em Franca é que grande parte dos estudantes não têm um real contato com a população local, o que é agravado pelo ambiente acadêmico que faz com que, isolados, muitos vivam seu período de graduação sem ter conhecimento da realidade concreta, humana e social que os cerca.

Os educandos contemplados, desde o início dos trabalhos, são adultos com idade entre 30 e 60 anos, com profissões variadas, como empregada doméstica, pedreiro, pespontador (atividade muito presente na região), ou são aposentados. Os educadores, estudantes da Universidade Estadual, naturais de outros municípios e com idade entre 18 e 25 anos. Essa situação apresenta uma necessidade, mais do que isso, uma condição, de que a relação estabelecida seja extremamente dialógica, para que os educandos possam se desvincular da imagem que viveram, ou ao menos sempre imaginaram, de que o espaço educativo é opressivo e hierárquico. Sentados sempre em círculo para que todos se olhem nos olhos, sem que o educador esteja num patamar acima, as primeiras conversas se dão para que todos em sala de aula possam se conhecer. Assim, espera-se que todos se sintam à vontade para se colocar durante as discussões propostas. Os educandos apresentam diferentes níveis de leitura e escrita, muitos estudaram até as primeiras séries do ensino básico. A turma nunca foi muito grande, em parte pela falta de costume das pessoas de sair de suas casas no período noturno, principalmente para estudar, em parte também porque o grupo preza muito pelo vínculo criado em sala de aula, mais atingível com poucas pessoas. Sendo assim, as atividades são desenvolvidas com cerca de 5 educandos.

As aulas eram, num primeiro momento, desenvolvidas quatro vezes por semana, no período noturno. Sempre pautadas em discussões que partissem da realidade dos

educandos, mas que não se detivessem nela, as atividades tiveram temas geradores como Saúde, Trabalho, Meio Ambiente, Cidade e Família. Os currículos temáticos são pensados pelos educadores no início do semestre, porém os temas não são impostos aos educandos, e sim propostos, o que não descarta também a possibilidade de diálogo sobre porque tal tema foi proposto e porque se resolveu estudá-lo.

Os monitores atuam em duplas, e sempre iniciam as atividades com discussões, sobre algum dos temas geradores, algum assunto em pauta na atualidade ou assunto levantado. Diversos recursos são utilizados, como artigos de jornal ou revista, filmes, músicas, quadros e poemas. Esse primeiro momento da aula é coletivo, em que todos são incentivados a dar sua contribuição para a discussão, tendo como premissa de que “não existe saber mais nem menos, existem saberes diferentes”. Esse momento de diálogo é importante tanto para os educandos, para que se sintam parte ativa do processo educativo, como para os educadores, para que possam desvendar melhor a leitura de mundo que os educandos fazem (e assim elaborar exercícios mais coerentes com essa leitura), e, por fim, importante enquanto construção coletiva da turma. Após esse primeiro momento de discussão, que muitas vezes desencadeia outros temas, partimos para a resolução prática de alguns exercícios, elaborados de acordo com os diferentes níveis de leitura e escrita. Nesse momento, cada educando realiza uma atividade diferente, o que não é visto, porém, como negativo na construção coletiva. É muito trabalhada a idéia de que a presença de diferentes níveis é importante para o grupo, pois assim cada um pode dar a sua contribuição e todos podem se ajudar, seja revendo o que já sabem, seja tendo contato com o que ainda não aprenderam. Esses exercícios são elaborados com palavras utilizadas nas discussões, por exemplo, dependendo do nível alfabético, construindo a palavra a partir de algumas letras identificadas ou construindo frases em que a palavra seja utilizada em diferentes contextos. Vale ressaltar que os exercícios variam muito, mas são sempre relacionados ao tema que foi pauta de discussão anteriormente. A concepção de “ler o mundo para ler a palavra e ler a palavra para ler o mundo” é premissa nas atividades propostas, que tentam ser coerentes tanto com as necessidades imediatas dos educandos quanto com o objetivo maior de que estes, instrumentalizados da leitura e da escrita, possam se enxergar enquanto sujeitos no contexto maior em que estão inseridos.

No primeiro semestre de 2007, o grupo constatou que nenhum dos monitores atuais tinha participado do trabalho de reconhecimento que havia sido feito na região antes do início das atividades. Isso era refletido na presença do grupo no bairro, que

estava ficando cada vez mais restrita ao espaço das aulas. Além disso, esse *próprio* espaço *mesmo* havia mudado, uma vez que, de centro comunitário, passou a ser uma ONG mantida pelo jornal mais forte da cidade, o “Comércio da Franca”. Essa constatação foi seguida por uma reflexão sobre a historicidade do processo em que se constituía a relação educadores-educandos. Embora o vínculo fosse forte, os primeiros educadores a realizar esse contato não estavam mais participando, uma vez que a realidade universitária é de que a maioria dos estudantes se formam e se mudam de Franca. A tudo isso somou-se o fato de que vários dos educandos haviam atingido níveis de escrita e leitura em que apresentavam dúvidas que os educadores, sem formação pedagógica, tinham muita dificuldade em sanar. Questões gramaticais estavam sendo levantadas, o que, se por um lado era muito positivo, por outro beirava as limitações do grupo.

Sendo assim, o GAPAF optou por encerrar a turma e realizar novamente o trabalho de reconhecimento geográfico, econômico, histórico e social do Recanto Elimar. O encerramento das atividades foi uma conclusão conjunta, dos educandos e dos educadores, em que ambos perceberam o momento a que havíamos chegado.

Semanalmente os membros do grupo realizavam visitas ao bairro, nas quais encontravam os ex-educandos, com os quais haviam criado grandes laços. Num primeiro momento, essas visitas tinham a finalidade de reconhecer a existência ou não de uma demanda por uma nova turma de alfabetização no bairro. Muitas pessoas afirmavam que gostariam sim de voltar a estudar, que tinham muita dificuldade na leitura e na escrita. Começou então uma etapa de divulgação, em que, ao mesmo tempo que divulgava o trabalho, os membros do GAPAF tinham maior contato com o bairro, com sua estrutura e seus elementos culturais. Esse processo se deu conjuntamente a um processo de aprofundamento teórico, em que diferentes obras abordando a questão da alfabetização de adultos foram estudadas, como Emilia Ferrero, Esther Pillar Grossi, além de contrutivistas como Piaget e Vigotsky que, embora não abordem a questão da alfabetização de adultos especificamente, foram utilizados pelo grupo para pensar a prática pedagógica de maneira socialmente construída. Obras de Paulo Freire também foram extensamente estudadas e re-estudadas, de forma que o grupo reafirmou sua concepção da prática educativa a que estava se propondo como ato político necessário, devolvendo a homens e mulheres o direito a que lhes havia sido negado de ler e escrever em um mundo letrado. Os estudos realizados pelo grupo são foco de grande importância, e seus membros já realizaram diversas idas a instituições como o Instituto

Paulo Freire e o Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae para contato com novas matérias e diferentes práticas que possam contribuir para a prática do grupo.

O grupo realizou também em 2007 um evento na Universidade intitulado: “I Simpósio do GAPAF: Educação como Militância”, visando sempre um maior conhecimento teórico para auxiliar na prática. Participou também do Fórum Mundial de Educação, em Nova Iguaçu, RJ, no qual teve contato com várias experiências educativas de viés freireano.

Após os estudos citados, as aulas reiniciaram no primeiro semestre de 2008, com 6 educandos. Um dos educandos havia participado da turma anterior e do trabalho de reconhecimento e pediu para continuar na turma, ao que o grupo não recusou. O primeiro tema gerador foi Cultura, partindo de atividades com figuras para que os educandos compreendessem o conceito antropológico de cultura, como sendo tudo que o homem faz para transformar a natureza. Isso foi feito com a finalidade de desmistificar a idéia de que há pessoas com mais cultura que outras, estabelecendo a horizontalidade em sala de aula. Essa horizontalidade é premissa do grupo, e também uma constante construção coletiva, uma vez que a opressão escolar que muitos vivenciaram não é facilmente dissipada em apenas alguns meses de uma prática diferenciada.

Além do espaço de sala de aula, o GAPAF procura estar presente na vida da comunidade também de outras maneiras. Sendo assim, estão sempre frequentando quermesses, festas juninas e outros eventos realizados no bairro. A inserção dos estudantes não se dá de forma rápida e não está consolidada, mas é um processo que avança uma etapa a cada dia.

O trabalho do GAPAF no Recanto Elimar apresenta muitas dificuldades, que são vistas pelo grupo como desafios a serem superados. Não se pode enxergar a relação dos universitários com semi-analfabetos de idade, classe social e visão de mundo diferentes de maneira romântica. Estabelecer a horizontalidade em sala de aula, como já foi dito, é uma constante construção e desafio que só pode ser superado com uma postura verdadeiramente dialógica de ambas as partes envolvidas no processo. Tentando incorporar a consciência de que todos são sujeitos na educação desenvolvida em espaço de aula, objetivamos a leitura de mundo em que todos são sujeitos no bairro, na cidade, no país e no mundo. Os temas trabalhados visam partir da leitura de mundo com relação a determinado assunto para, após a etapa dos exercícios, voltar a reflexão ao tema, dessa vez instrumentalizados das habilidades necessárias para se mover livremente no

ambiente letrado que é o mundo em que estamos inseridos. Não raro ouve-se afirmações como “não gosto de política”, “política não é comigo”. Mas por enxergar a própria educação como ato necessariamente político, os temas visam desconstruir a idéia de que “política é lá”, e que o nosso mover-se no mundo vem sempre carregado de opções políticas. Desse modo, o processo de instrumentalização do saber prático de ler e escrever aliado à concepção de que questões políticas fazem parte da nossa vida faz com que, apesar de todas as dificuldades, os indivíduos não pensem a realidade como algo dado, e sim como algo em que todos têm muito a contribuir, a cada dia. Percebem a historicidade da vida, da mudança iminente.